

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direção musical

Alena Baeva violino

24 nov 2023 · 21:00 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS

El Corte Inglés

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



MEENAS CASA DA MÚSICA



1ª PARTE

Ludwig van Beethoven

Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 61* (1806; c.45min)

1. Allegro ma non troppo
2. Larghetto —
3. Rondo (Allegro)

2ª PARTE

Witold Lutosławski

Concerto para orquestra (1954; c.30min)

1. Intrada (Allegro maestoso)
2. Capriccio notturno e Arioso (Vivace)
3. Passacaglia, Toccata e Corale (Andante con moto)

* A cadência interpretada pela solista Alena Baeva é da autoria de Christian Tetzlaff.

Ludwig van Beethoven

BONA, 1770 – VIENA, 1827

Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 61

As salas de música da aristocracia vienense foram palco de grandes apresentações. Nelas, nobres de toda a Europa assistiram a prestações marcantes de músicos de vários territórios. A melomania dos vienenses também alimentou a atividade teatral, tornando a cidade um polo de atração com uma vida musical cosmopolita. Músicos como Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven fixaram-se em Viena, que era, igualmente, paragem obrigatória de muitos músicos itinerantes. Foi nesse contexto que Beethoven escreveu o Concerto para violino incluído neste programa.

A transição do século XVIII para o XIX foi uma era de transição sociocultural. Os concertos públicos davam os primeiros passos, alargando o espectro das apresentações musicais vienenses, em grande parte centradas nos contextos privados da aristocracia. Exemplo disso é a instituição do concerto de benefício, no qual os lucros revertiam para os promotores. Estes podiam ser associações ou indivíduos; os últimos apresentavam-se, frequentemente, como solistas. Muitos instrumentistas escreveram e interpretaram obras neste modelo embrionário de mercado. As transformações em curso fomentaram o aparecimento do instrumentista virtuoso romântico; todavia, essa figura ainda não se tinha estabelecido tal como a conhecemos. Entre o profissional altamente competente na sua área, no Barroco e no Classicismo, e o génio de capacidades sobrenaturais inatas, encontram-se figuras como Beethoven e Franz Clement (1780-1842) — o violinista que estreou o Concerto para violino, op. 61. À época,

a integração do primeiro no circuito musical vienense, após a saída de Bona, fez-se através do pianoforte e de apresentações em contextos privados da aristocracia. O segundo era um menino-prodígio, que Beethoven conheceu no final do século XVIII, e que desenvolveu a carreira no Theater an der Wien. Essa sala de espetáculos, onde se apresentava ópera em alemão (o *singspiel*), foi construída pelo ator e empresário Emanuel Schikander, libretista de *A Flauta Mágica*, em 1801. Abrindo as portas a concertos de benefício de músicos como Beethoven, aí foram tocadas, publicamente, várias obras deste compositor. Após a venda do teatro a um consórcio de nobres, *Fidelio* e o Concerto para violino op. 61 foram lá interpretados.

Na primeira década do século XIX, a fértil produtividade de Beethoven traduziu-se numa grande quantidade de obras de sucesso, afirmando-o definitivamente no panorama musical vienense. Contudo, foi esta a época em que se confirmou a sua surdez progressiva e irreversível, afetando o seu estado de espírito de forma profunda. O Concerto para violino op. 61 foi composto em 1806 e resultou de uma encomenda de Franz Clement. Dedicado a Stephan von Breuning, amigo de infância de Beethoven, estreou a 23 de dezembro desse ano (havia a tradição vienense de apresentar concertos de benefício na época natalícia, quando não se encenava ópera). O concerto mistura uma abordagem sinfónica, especialmente patente no primeiro andamento, com um grande lirismo, associado à sensibilidade virtuosística do tardo-Classicismo. A obra não foi bem recebida na estreia, provavelmente devido ao pouco tempo de preparação associado a este tipo de apresentação e à conceção arquitetural da forma, pouco convencional à época. Mais tarde, o violinista Joseph Joachim incluiu o concerto

no seu repertório e tornou-o uma das mais populares peças para violino.

O “Allegro ma non troppo” encontra-se próximo da forma sonata e começa com pancadas no tímpano, indefinição seguida pela apresentação da primeira ideia pelos clarinetes, oboés e fagotes. Dá-se uma interrupção afirmativa, marcada pelas cordas, que antecipa o retorno do lirismo protagonizado pelos instrumentos de sopro, agora enriquecido pelo acompanhamento. O segundo grupo temático *cantabile* precede a instabilidade conducente à entrada discreta do solista, que reapresenta os dois grupos temáticos. As passagens virtuosísticas, muitas vezes a solo e pontuadas pela orquestra, conduzem a forma musical. A instabilidade do desenvolvimento, que incorpora elementos dos dois grupos temáticos e das cadências, intensifica a tensão que desemboca numa reexposição e na coda. O desenvolvimento e a retransição são marcados por cadências em que se realça a grande inventividade e capacidade do violinista.

A atmosfera misteriosa do “Larghetto” começa numa textura esparsa que acompanha um tema lírico e solene. O andamento evoca uma forma tema e variações, misturando-a com o contraste da forma sonata, pois inclui um tema contrastante e dois interlúdios transitórios. Assim, domina o tema principal, que se foca no solista, cujo papel é ornamentar e conduzir as melodias principais, sobrepondo-se ao acompanhamento esparsos da orquestra.

Uma cadência faz a ligação ao final enérgico, um rondó-sonata de caráter rústico e dançante. O refrão sincopado e cinético, cuja melodia é apresentada em registos diferentes, é interpolado por episódios contrastantes em ambiente. Neles, sobressaem uma secção rústica acompanhada pelas trompas e uma passagem lírica com uma melodia serpenteante, protagonizada

pelo solista com acompanhamento de fagote. Uma cadência final conduz o concerto ao fim.

Apesar do insucesso na estreia, Beethoven reviu e arranjou a obra para piano e orquestra no ano seguinte, a pedido do pianista e editor italiano radicado em Londres Muzio Clementi, ficando conhecido como op. 61a.

JOÃO SILVA, 2023

Witold Lutosławski

VARSÓVIA, 1913 – VARSÓVIA, 1994

Concerto para orquestra

O fim da Segunda Guerra Mundial reconfigurou o mapa geopolítico da Europa e marcou uma nova fase nos processos de descolonização. A profundidade dessa transformação, sobretudo a divisão da Europa em dois blocos, teve grandes repercussões no mundo musical. No pós-Segunda Guerra Mundial, a hegemonia soviética no Centro e Leste europeu consolidou-se progressivamente, tendo como momento marcante a assinatura do Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua em 1955. Esse tratado ficou conhecido como Pacto de Varsóvia e reunia a União Soviética, a Albânia, a Bulgária, a Checoslováquia, a República Democrática Alemã, a Hungria, a Roménia e a Polónia. Situada entre a Alemanha e a União Soviética, a Polónia foi um dos países mais afetados pela Segunda Guerra Mundial. Durante e após o conflito sofreu uma reconfiguração significativa das suas fronteiras e da composição populacional. A expulsão das populações germânicas para Oeste, o extermínio dos judeus polacos, a fixação de ucranianos a Leste e o repatriamento de muitos polacos exilados redesenhou a Polónia como estado-nação cultural. Contudo, a criação de soluções

governativas apadrinhadas por Estaline orientou o rumo do país. A um governo provisório sucedeu-se um sistema centrado no Partido dos Trabalhadores Polacos, alinhado com o modelo soviético. Todavia, a morte de Estaline em 1953 permitiu uma suavização temporária do regime.

A instabilidade e a incerteza vividas tiveram consequências importantes no meio cultural. Por um lado, personalidades importantes mudaram-se para a Europa Ocidental, deixando espaço para a afirmação de novos valores. Por outro, a suavização temporária da repressão permitiu o desenvolvimento de novas estéticas. Assim, uma arte glorificadora do povo, com os seus heróis proletários e fortemente enraizada nos nacionalismos do século XIX, misturava-se com as correntes vanguardistas emergentes.

O caso de Lutosławski é emblemático desse processo. Aluno destacado do Conservatório de Varsóvia, a Segunda Guerra Mundial interrompeu o seu sonho de estudar em Paris com Nadia Boulanger, uma importante pedagoga associada à promoção dos paradigmas tonais do período entreguerras. Após a derrota alemã, ocupou importantes cargos nas novas instituições polacas, da rádio às editoras de partituras. Porém, o seu estilo particular valeu-lhe algumas perseguições a partir do final da década de 1940. Apesar de recorrer a alguns temas da música tradicional polaca, Lutosławski tratava-os de forma distinta dos modelos do realismo socialista que emanavam de Moscovo. Assim, a herança centro-europeia do modernismo bartokiano encontrou nele um seguidor, o que está patente no Concerto para orquestra, uma obra do final desse período criativo.

O Concerto para orquestra foi composto entre 1950 e 1954 e evoca claramente a obra homónima de Béla Bartók. Estreado a 26 de

novembro de 1954, foi central para estabelecer a reputação de Lutosławski no panorama musical polaco. A obra encontra-se dividida em três andamentos e começa com uma intervenção confiante dos tímpanos, que introduz um tema sinuoso e assimétrico de características modais. À medida que o andamento progride, a textura vai-se adensando através da sobreposição de *ostinati*. A intensificação atinge o pico na secção central, que prepara o retorno à atmosfera da primeira parte. Esse regresso é marcado por um maior recurso ao contraponto, centrando-se em jogos imitativos até a textura se desintegrar.

O segundo andamento tem um carácter lúdico e agitado, baseado em estruturas na forma de pergunta e resposta. Mantém-se o recurso aos *ostinati* na secção intermédia, conduzida pelos metais até ao clímax do andamento. A partir daí, a textura torna-se mais esparsa até desaparecer, recorrendo às cordas em *pizzicato*.

O concerto termina com uma reminiscência do período barroco. Uma *passacaglia* sobre uma canção tradicional polaca apresenta uma série de variações baseadas na sobreposição de camadas de forma a adensar a textura musical. Essa *passacaglia* cede lugar a uma *toccata*, em textura de fanfarra e de grande intensidade dramática. Após alguma acalmia, emerge um coral nos sopros, que é interpolado pelos apontamentos das cordas, cedendo lugar a uma secção em que o ritmo é acelerado até ao estrondoso final.

JOÃO SILVA, 2017

Michael Sanderling direção musical

Michael Sanderling é maestro titular da Orquestra Sinfónica de Lucerna desde a temporada 2021/22, após muitos anos de uma bem-sucedida colaboração com a formação. A sua terceira temporada com a orquestra tem vários momentos altos, tais como digressões na Europa e na América do Sul, bem como novas produções de discos. Um ciclo de Brahms com as quatro sinfonias e o Quarteto para piano do compositor, com orquestração de Arnold Schoenberg e edição da Warner Classics, comprovam o êxito do percurso do maestro.

Sanderling partilha o palco com solistas como Christian Tetzlaff, Steven Isserlis, Chen Reiss, Renaud Capuçon, Edgar Moreau, Vadim Gluzman, Yoav Levanon e Elisabeth Leonskaya. Tem sido convidado para dirigir algumas das principais orquestras do mundo, entre as quais a Filarmónica de Berlim, a Orquestra do Concertgebouw, a Orquestra de Paris, a Sinfónica NHK, a Orquestra da Tonhalle de Zurique e a Sinfónica de Toronto. Mantém uma relação especial e regular com a Gewandhaus de Leipzig, a Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica da SWR.

Além dos seus compromissos em Lucerna, a temporada 2023/24 fica marcada pela estreia de Sanderling com a Filarmónica de Hong Kong e a Sinfónica de Indianápolis. Regressa ainda à Filarmónica de Dresden, à Orquestra da Konzerthaus de Berlim, à Filarmónica de Helsínquia e à Sinfónica Escocesa da BBC, entre outras.

A primeira formação que Michael Sanderling liderou foi a Kammerakademie Potsdam, da qual foi diretor artístico entre 2006 e 2011. Depois, e até 2019, foi o maestro titular da Filarmónica de Dresden. Durante o seu mandato, esta tornou-se uma das formações mais relevantes da Alemanha, apresentando-se numa

grande variedade de formatos em Dresden e em digressões internacionais. Gravou as integrais das sinfonias de Beethoven e Chostakovich para a Sony Classical. A sua discografia inclui ainda peças para orquestra e violoncelo de Bloch, Korngold, Bruch e Ravel, em conjunto com Edgar Moreau e a Sinfónica de Lucerna, tendo estas últimas sido lançadas pela Warner Classics.

Entre as suas abordagens à ópera, destaca-se uma nova produção de *Guerra e Paz* de Sergei Prokofieff na Ópera de Colónia, trabalho que fez com que tivesse sido escolhido como maestro do ano pela revista *Opernwelt*.

Michael Sanderling tem especial interesse no trabalho com jovens músicos. Ensina na Universidade de Música e Artes do Espetáculo de Frankfurt, e trabalha regularmente com a Bundesjugendorchester, a Junge Deutsche Philharmonie e a Orquestra do Festival de Schleswig-Holstein. Entre 2003 e 2013, foi maestro titular da Deutsche Streicherphilharmonie.

Alena Baeva violino

Elogiada pela presença magnética em palco e pela fascinante qualidade do seu som, a violinista Alena Baeva é considerada uma das mais vibrantes e versáteis solistas da atualidade. A sua carreira expandiu-se a um ritmo extraordinário nas temporadas mais recentes, destacando-se, na Europa, os concertos com a Deutsche Kammerphilharmonie de Bremen, a Sinfónica de Gotemburgo, a Filarmónica de Londres, as orquestras nacionais da Ilha de França e do Capitólio de Toulouse, a Royal Philharmonic de Londres e a Tonhalle de Zurique, além de um recital no Wigmore Hall. Na Ásia, entre compromissos passados e futuros, partilha o palco com a Filarmónica de Hong Kong, a Sinfónica NHK de Tóquio e a Filarmónica de Seul, entre outras. A temporada 2023/24 é rica em estreias na América do Norte, incluindo com a Filarmónica de Nova Iorque e a Sinfónica de Phoenix.

A violinista tem parcerias musicais fortes com muitos dos principais maestros com visibilidade internacional: Teodor Currentzis, Charles Dutoit, Gustavo Gimeno, Marek Janowski, Paavo Järvi, Vladimir Jurowski, Tomáš Netopil e Hugh Wolff. A música de câmara ocupa um lugar particularmente especial, tendo colaborado com Martha Argerich, Yuri Bashmet, Daishin Kashimoto, Misha Maisky, Lawrence Power, Jean-Guihen Queyras, Tabea Zimmermann e o Belcea Quartet. O seu parceiro regular para a interpretação de sonatas é o conceituado pianista ucraniano Vadym Kholodenko, com quem trabalha há mais de uma década.

Com uma memória extraordinária e uma enorme curiosidade musical, tem um repertório vasto (e em rápida expansão), incluindo mais de 50 concertos. Ao lado da literatura para violino mais divulgada, é uma defensora das obras menos conhecidas, destacando-se

concertos recentes que promoveram compositores como Bacewicz, Karaev, Karłowicz e Silvestrov. Numa relação duradoura com a neerlandesa Orquestra do Século XVIII, gravou uma variedade de repertório em instrumentos de época. O álbum *Wieniawski Violin Concerto No. 2* (2022) foi “Disco do Mês” da BBC Music Magazine, que declarou tratar-se de uma obra de “audição obrigatória”.

A sua discografia é extensa e revela um repertório muito amplo, incluindo o Concerto n.º 2 de Chostakovitch (Arthaus Musik, 2015), o Concerto de Karłowicz (com a Royal Philharmonic Orchestra, 2018), o Concerto de Schumann e a versão original (de 1844) do Concerto de Mendelssohn (Melodiya Records, 2020). Iniciou uma relação exclusiva com a Alpha Classics em 2023, que irá resultar num primeiro disco a editar em fevereiro de 2024.

Alena Baeva começou a tocar violino com cinco anos de idade, sob a orientação de Olga Danilova. Aos 10 anos foi para Moscovo, onde estudou com Eduard Grach na Escola Central de Música e no Conservatório Estatal Tchaikovski. Teve ainda aulas com Mstislav Rostropovitch e Boris Garlitsky, na Suíça com Seiji Ozawa e em Israel com Shlomo Mintz. Com apenas 16 anos, em 2001, venceu o Grande Prémio no XII Prémio Internacional Henryk Wieniawski, bem como o de “Melhor Intérprete de Obra Contemporânea”. Arrecadou ainda o primeiro lugar no Prémio Internacional Niccolò Paganini em Moscovo (2004), tendo recebido um prémio especial que lhe permitiu tocar, durante um ano, num Stradivari 1723 de Wieniawski. Ganhou a medalha de ouro e o prémio do público no Concurso de Violino de Sendai, em 2007.

A violinista vive desde 2010 no Luxemburgo. Toca um Guarneri del Gesù “ex-William Kroll” de 1738, um empréstimo de um mecenas anónimo, com o apoio da J&A Beares.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
Ilanina Khmelik
Andras Burai
Maria Kagan
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
José Despujols
Mafalda Vilan*
Mariana Cabral*
Raquel Santos*
José Pedro Rocha*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Mariana Costa
Lilit Davtyan
Karolina Andrzejczak
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Pedro Carvalho*
Tiago Moreira*
Maria Bonina*

Viola

Mateusz Stasto
Lourenço Macedo Sampaio*
Pedro Meireles
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Hazel Veitch
Emília Alves
Alexandre Aguiar*
Catarina Gonçalves*
Teresa Fleming*
Helena Leão*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Beatriz Figueiredo*
João Cunha
Michal Kiska
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Burak Özkan*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Pedro Barbosa*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
José Almeida*
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Xema Borràs*
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Piano

Jonathan Ayerst*

Celesta

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Rui Pinto Leite (iluminação)
Alfredo Braga (palco)
Carlos Almeida (palco)
Filipe Teixeira
(assistência de cena)

Próximos concertos

25 SÁBADO 22:00 SALA SUGGIA

Suburbano: Orquestra Jazz de Matosinhos & Guinga

26 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direção musical

Concerto comentado por **Daniel Moreira**

Concerto para orquestra de **Witold Lutoslawski**

26 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

Ara Malikian World Tour

promotor: Lemon Ibéria

28 TERÇA 19:30 SALA 2

Mafalda Lemos guitarra portuguesa

Prémio Novos Talentos Ageas

29 QUARTA 21:30 SALA 2

Monte Branco: Cura

promotor: O Malhão

30 QUINTA 21:30 SALA SUGGIA

Cristina Branco: Mãe

promotor: Locomotiva Azul

01 SEXTA 18:00 SALA SUGGIA

O Natal no Conservatório de Música do Vale de Sousa

concerto escolar

promotor: Associação de Cultura Musical de Lousada

01 SEXTA 21:30 SALA 2

Mimi Froes

promotor: Aquele Abraço

02 SÁBADO 21:30 SALA 2

Fingertips

promotor: Metrosonic Lda.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

